

# A ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: AUTORIA, PRINCÍPIOS E ABORDAGENS

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)  
[professorvilaca@gmail.com](mailto:professorvilaca@gmail.com)

## ***1. Introdução***

É inegável a importância dos materiais didáticos no ensino de línguas estrangeiras. No entanto, as pesquisas sobre o tema ainda são poucas, principalmente no que se refere à elaboração. A maioria das publicações que tratam de materiais didáticos está prioritariamente focada na análise e na avaliação de livros didáticos (NUNAN, 1995; ELLIS, 1997; CUNNINGSWORTH, 1995; BROWN, 2001, por exemplo). É bastante provável que isto seja resultado da compreensão mais clara do papel do professor na avaliação de livros didáticos para adoção por escolas, cursos, universidades, o que não acontece tão comumente com o papel do professor como produtor de materiais didáticos.

Conforme discutido em trabalho anterior, o livro didático é tradicionalmente visto como o material didático “por excelência” (VILAÇA, 2009). Isto, no entanto, não acontece por acaso. Diversos fatores práticos contribuem para o destaque dos livros didáticos. Os livros didáticos são frequentemente empregados como principal ferramenta pedagógica empregada por professores e alunos em sala de aula em diferentes disciplinas, não sendo diferente no ensino de línguas estrangeiras. Convém apontar que o alto investimento do governo por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) também contribui para dar destaque aos livros didáticos. Em termos práticos, estes e outros fatores conduzem muitas vezes à compreensão equivocada do livro didático como sinônimo para materiais didáticos.

Em obra de referência sobre materiais didáticos de línguas, Tomlinson apresenta a seguinte definição para materiais didáticos: “qualquer coisa que é usada para ajudar a ensinar línguas [...] qualquer coisa que apresente ou informe sobre a língua sendo aprendida” (2004a, p. xi). Empregando praticamente as mesmas palavras de Tomlinson, Salas (2004, p. 2) afirma que “qualquer coisa empregada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem” pode ser um material didático. Partin-

do destas e outras definições de materiais didáticos, Vilaça (2011, p. 1020) aponta que:

Em termos gerais, qualquer material que seja usado para fins didáticos pode ser considerado um material didático, mesmo que a sua produção inicial não tenha sido orientada ou voltada para o seu uso educacional. Poemas, letras de músicas, filmes, jornais, por exemplo, não são produzidos para fins pedagógicos, mas são usados por professores de línguas (maternas e estrangeiras) com certa frequência como materiais didáticos.

No mesmo trabalho, alguns tipos de materiais didáticos comuns no ensino de línguas estrangeiras são apresentados por meio da seguinte tabela:

<b>Materiais Didáticos comuns no ensino de línguas</b>			
<b>Materiais impressos de base textual</b>	<b>Materiais de Áudio</b>	<b>Materiais visuais/gráficos</b>	<b>Materiais Multimídias</b>
Livro	CD	Pôsteres	CD-ROM
Gramática	Fita de áudio	Quadros e figuras	DVD
Dicionário	Arquivos	Transparências	VCD
Enciclopédias	MP3 e Similares		Videotape
Outros		Slides	

**Fonte: (VILAÇA, 2011, p 1021)**

É esclarecedor apontar que a tabela anterior não tem a finalidade de categorizar ou classificar todas as possibilidades de materiais didáticos, mas ilustrar diferentes tipos ou modalidades de materiais que são empregados em aulas de línguas estrangeiras, sem que muitas vezes sejam reconhecidos, por professores e alunos, como materiais didáticos.

O presente trabalho discute algumas questões relacionadas à elaboração de materiais didáticos. A finalidade básica desta discussão é apontar para a necessidade de mais debates e pesquisas sobre o tema, já que, conforme apontado, a maioria dos estudos e publicações trata da análise de materiais publicados (análise e ou avaliação do produto final) e pouco sobre a elaboração destes (o processo de planejamento e desenvolvimento). Além disso, também é comum que muitas publicações sobre ensino de línguas estrangeiras não apresentem capítulos ou artigos sobre materiais didáticos.

Inicialmente serão abordadas questões relativas à autoria dos materiais didáticos. Em seguida, o foco encontra-se em abordagens e princípios de elaboração de materiais didáticos.

## 2. *Questões de autoria*

A questão da autoria dos materiais didáticos é mais complexa do que pode parecer em primeiro momento. No campo das literaturas, é comum indagar: até que ponto o autor é dono ou senhor absoluto de sua obra, seja esta poesia ou prosa? No caso de obras artísticas, é comum que os valores, significados e papéis atribuídos às obras, através do tempo, sejam diferentes daqueles imaginados ou planejados pelo autor. Embora este artigo não trate de literaturas, no caso da elaboração de materiais didáticos, de certa forma, esta pergunta também pode ser pertinente em alguns casos.

O processo de elaboração de materiais didáticos tende a ser direcionado por diferentes fatores, além do contexto, dos públicos alvos, ou ainda de escolhas ou estilos do autor. Em outras palavras, o material didático pode não apenas refletir plenamente a “voz”<sup>1</sup> do autor, mas ser influenciado por “vozes” diversas, que incluem mas não se restringem aos seguintes elementos:

- ✓ Projeto editorial;
- ✓ Orientações e diretrizes pedagógicas públicas (por meio de Secretarias ou Ministérios, em especial o MEC);
- ✓ Questões mercadológicas;
- ✓ Abordagens pedagógicas privilegiadas;
- ✓ Preferências de professores;
- ✓ Aceitação por professores e alunos;
- ✓ Custo de produção;

Convém ressaltar que a lista acima aponta apenas alguns dos elementos que podem influenciar a elaboração de materiais didáticos, dire-

---

<sup>1</sup> Empregado aqui como metáfora para indicar intenções, metodologias, discursos etc. do(s) autor(es).

cionando o trabalho dos autores. Em síntese, o material didático pode não refletir apenas escolhas e decisões dos seus autores. Assim, a questão da autoria requer mais discussões e pesquisas.

A proposta de um autor em um material didático pode, em alguns casos, não ser, de fato, a “proposta do autor”, mas a proposta do “material didático”, que pode ser resultado de fatores diversos. Assim como as práticas pedagógicas de um professor em sala de aula podem não refletir suas escolhas e abordagens pessoais (influenciado por diretrizes institucionais, materiais didáticos, metodologia de ensino etc.), o material didático pode não ser um resultado direto ou “transparente” de escolhas e abordagens de seu(s) autor(es).

Esta breve discussão pretende apontar para um fato que pode ser ignorado muitas vezes: a autoria de uma obra pode ser afetada por diferentes fatores de *natureza externa*<sup>2</sup>. Na prática, isto pode contribuir para grande nível de similaridade entre muitos materiais de diferentes autores e editoras, fato que não é difícil de ser constatado.

Logicamente, as questões levantadas nesta seção se referem mais diretamente aos materiais didáticos publicados por editoras e outras instituições, como escolas, universidades, secretarias, ONGs, entre outras. Em regra geral, os materiais didáticos elaborados por professores para as suas aulas (um contexto mais situado, próximo, conhecido e real) sofrem mais influências e direcionamentos de fatores de *natureza interna*<sup>3</sup>, relacionadas ao contexto específico de ensino-aprendizagem.

Em síntese, enquanto a autoria de materiais de público abrangente (materiais didáticos abrangentes ou amplos) é mais diretamente afetada por *fatores de natureza externa*, os materiais de público específico (materiais didáticos situados ou específicos) são influenciados mais objetivamente por *fatores de natureza interna*, tais como estilo e preferências do autor, contexto de aplicação, características dos alunos...

---

<sup>2</sup> Podemos entender aqui como fatores de natureza externa aqueles não surgem de (ou para) um contexto educacional específico (escolas, universidades, turmas ou alunos específicos).

<sup>3</sup> Exemplos de fatores de natureza interna: a metodologia de uma escola, as necessidades específicas de alunos, preferências do professor...

### 3. *Global e local: abordagens de contextualização*<sup>4</sup>

Ainda em termos de abordagem de planejamento e elaboração de materiais didáticos, podemos pensar em duas abordagens relacionadas ao público-alvo do material: *elaboração global(izada)* e *elaboração local(izada)*.

A elaboração global, que podemos denominar também de *globalizada*, é idealizada, não específica, ampla, compreendendo a possibilidade de emprego do material didático em diferentes contextos, países e culturas. No caso de ensino de línguas estrangeiras, este fator é bastante interessante, já que muitos livros<sup>5</sup> são comercializados por grandes editoras em muitos países diferentes. Diferenças sociais, culturais, políticas econômicas, tecnológicas e religiosas tendem a ser padronizadas ou ignoradas.

Este tipo de abordagem é bastante popular, sendo predominante a adoção de materiais internacionais em cursos particulares de idiomas. Para este sucesso, contribuem diferentes fatores, entre eles: a experiência e o alto investimento de editoras internacionais; e a compreensão do falante nativo como “modelo” ou “autoridade linguística”. Não é raro encontrar alunos e professores de línguas estrangeiras que demonstram clara preferência pelos materiais importados. No lado institucional, muitos cursos e escolas buscam relacionar a adoção destes materiais à validação da qualidade do curso.

Outra abordagem é a *elaboração local(izada)*, que é contextualizada, mais específica e direcionada a um público alvo mais restrito. Como consequência, este material permite enfocar aspectos culturais, políticos, tecnológicos e religiosos mais definidos. Outro aspecto que pode ser beneficiado com este tipo de abordagem é a consideração de aspectos da língua nativa dos alunos, em especial questões contrastivas. Um dos grandes desafios deste tipo de material é o seu custo de produção, o que consequentemente influencia as perspectivas de adoção dos materiais.

As relações entre estas abordagens não devem ser confundidas com a nacionalidade do material. Em outras palavras, materiais estrangeiros podem ser localizados da mesma forma como materiais nacionais

---

<sup>4</sup> Esta seção baseia-se em discussões apresentadas na palestra Materiais didáticos de língua inglesa, ministrada na IV Jornada de Estudos Algo-Americanos da UNIGRANRIO em 21 de maio de 2012.

<sup>5</sup> Como tradução para a língua inglesa poderíamos usar *coursebooks* ou *textbooks*.

podem ser globalizados. Logo, não se trata de oposição entre materiais importados e nacionais. Busca-se ao discutir estas duas abordagens apontar que o nível de atenção às especificidades contextuais pode variar. No caso do Brasil, atentar para questões regionais ou locais é uma forma mais delimitada de abordagem localizada. Assim, podemos pensar em um *continuum* entre níveis globalizados e localizados de materiais didáticos.

#### **4. Da adaptação para a elaboração de materiais<sup>6</sup>**

A necessidade de adaptação de materiais é frequente, cabendo ao professor esta tarefa. A justificativa mais comum para a elaboração de materiais é a maior adequação dos mesmos aos objetivos e às características do contexto de ensino. Portanto, a atividade prática de elaboração de materiais didáticos não deve ser entendida de forma restrita a materiais didáticos com fins de publicação comercial. Embora em diferentes opções de adaptação de materiais possam ser consideradas elaboração de materiais (SALAS, 2004, TOMLINSON, 2005; TOMLINSON & MASUHARA, 2005), é na adição (VILAÇA, 2010) que o professor encontra maior liberdade e ricas possibilidades.

A elaboração de um material didático tende a ser precedida por escolhas metodológicas e pelo estabelecimento de princípios, objetivos gerais e específicos (McDONOUGH & SHAW, 2003; RICHARDS, 2005; TOMLINSON & MASUHARA, 2005). Embora tais escolhas possam não ser plenamente confirmadas no desenvolvimento do material e os objetivos possam sofrer alterações ao longo do processo, é inegável que o autor deve ter em mente diversas questões teóricas e práticas que o nortearão no desenvolvimento do material (RICHARDS, 2005; TOMLINSON & MASUHARA, 2005).

Uma possibilidade é o planejamento do material com base em experiências prévias do autor. Neste caso, o autor elabora o material considerando experiências prévias que foram avaliadas como bem-sucedidas ou positivas (McDONOUGH & SHAW, 2003; SALAS, 2004; TOMLINSON, 2004b; RICHARDS, 2005). Este tipo de orientação é chamado por Tomlinson (2004b) de *intuição*. Subjaz neste procedimento a compreensão de que o que pode servir para um contexto provavelmente servirá para outros. Em geral, não são empregados procedimentos siste-

---

<sup>6</sup> Esta seção foi adaptada da tese de doutorado do autor.

máticos para o desenvolvimento e a análise dos materiais. Trata-se, portanto, de uma espécie de uma aposta no que pode dar certo.

Neste tipo de elaboração, é possível dizer que o material tem *motivação interna* ou *subjéitiva*, uma vez que uma experiência positiva de um professor pode não ser favorável a outro. Assim, generalizam-se princípios e práticas que partem do professor e não necessariamente de estudos, pesquisas e teorias. Tomlinson (2005) comenta que este tipo de elaboração ocorre com bastante frequência.

Outra possibilidade é o desenvolvimento de materiais partindo de teorias metodológicas discutidas, pesquisadas e avaliadas na literatura (COOK, 1998; HOLDEN & ROGERS, 2002; McDONOUGH e SHAW, 2003; TOMLINSON, 2004b e RICHARDS, 2005). Esta forma de elaboração pode ser considerada de *motivação externa* ou *objetiva*, uma vez que o autor busca fundamentação na literatura. Pesquisas e teorias de diversos autores são levadas em consideração, em menor ou maior proporção, para a elaboração dos materiais. Neste caso, as experiências e preferências pessoais do autor podem ser relegadas a um segundo plano, dando prioridade a metodologias baseadas de estudos e pesquisas.

As duas possibilidades de elaboração discutidas nos parágrafos anteriores apresentam vantagens e desvantagens. É necessário reconhecer que as experiências, as preferências e os estilos pessoais dos professores são importantes. No entanto, generalizar procedimentos, sem dúvida, oferece grandes riscos. A experiência demonstra, por exemplo, que algumas vezes o professor poder lecionar para turmas de um mesmo nível, na mesma instituição de ensino, nas quais procedimentos diferentes são necessários.

Por outro lado, há questionamentos sobre até que ponto muitas teorias podem ser aplicadas nas práticas reais em sala de aula. Há, portanto, riscos em considerar a possibilidade objetiva de “perfeita transcrição” da teoria na prática.

Há ainda a possibilidade de interagir entre "teorias internas" - fruto de experiências e preferências pessoais - e "teorias externas" - baseadas em estudos e pesquisas. Logo, assim como as teorias não devem rejeitar experiências docentes, as preferências pessoais de professores podem ser analisadas e tratadas com base em teorias. É pertinente, portanto, interagir entre estas duas abordagens básicas.

McDonough e Shaw (2003) afirmam que o material didático não deve ser compreendido de forma isolada, mas inserido “em contexto profissional mais amplo”. Os autores apontam que o material didático está posicionado em uma ordem inferior ao programa de ensino. Eles discutem um modelo no qual as metas derivam da análise do contexto de ensino. O programa de ensino, por sua vez, é elaborado para a obtenção das metas. Por fim, os materiais e os métodos estão ao serviço do programa de ensino. A posição de McDonough e Shaw reforça a relação entre o programa de ensino e a elaboração de materiais didáticos, relação esta que encontra rica discussão na literatura (TOMLINSON, 2004c; SALAS, 2004; TOMLINSON & MASUHARA, 2005).

A figura seguinte (2) demonstra passos normalmente seguidos na elaboração de um material didático (LEFFA, 2003b; McDONOUGH & SHAW, 2003; TOMLINSON & MASUHARA, 2005).



Figura 2 – Passos básicos na elaboração de materiais didáticos

## 5. Considerações finais

Este artigo teve como proposta apresentar algumas questões relativas à elaboração de materiais didáticos, com foco em aspectos de autoria e planejamento dos materiais. Reconheço que estas discussões merecem tratamento mais aprofundado. No entanto, em parte como objetivo didático deste artigo, considera-se que as discussões aqui presentes oferecem pontos para debate e reflexões para professores em serviço e em formação, coordenadores pedagógicos, entre outros atores envolvidos no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

É necessário ampliar os espaços para discussões sobre materiais didáticos em processos de formação de professores. Professores devem ser capazes de analisar e elaborar materiais didáticos com maior funda-

mentação teórica, senso crítico e capacidade de articular experiências, preferências, teorias e diretrizes de forma produtiva e reflexiva.

O sucesso de um material didático, seja comercial ou feito pelo professor para as suas aulas, depende de uma série de fatores.

Apresentar uma forma única de pensar ou planejar materiais didáticos não foi objetivo deste trabalho. Nada de receitas. Longe disto, a finalidade aqui é proporcionar temas para debates ou o que inglês chamaríamos de *food for thought*<sup>7</sup>.

Reconhecendo as limitações que o gênero artigo tende a apresentar, por ser limitada por normas editoriais, algumas destas questões devem ser tema de novos trabalhos de forma a possibilitar o aprofundamento do debate.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

COOK, V. Relating SLA research to language teaching materials. *Canadian Journal of Applied Linguistics*, V. 1, N. 1-2, 1998, p. 9-27.

CUNNINGSWORTH, A. *Choosing your coursebook*. Oxford: Heineman, 1995.

ELLIS, R. The empirical evaluation of language teaching materials. *ELT Journal*, Vol. 51/1, January 1997.

HARMER, J. *The practice of English language teaching*. 3. ed. Essex: Longman, 2003.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. *O ensino da língua inglesa*. 2. ed. São Paulo: SBS, 2002.

LEFFA, V. J. *Produção de materiais de ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003.

MC DONOUGH, J.; SHAW, C. *Materials and methods in ELT: a teacher's guide*. Oxford: Blackwell, 2003.

---

<sup>7</sup> A expressão é empregada com referência a questões, temas e práticas que podem gerar muitos debates.

RICHARDS, J. C. Materials development and research- Making the connections. Paper presented at a colloquium on research and materials development- *TESOL Convention*, San Antonio, March, 2005. Disponível em: <<http://www.professorjackrichards.com/pdfs/materials-development-making-connection.pdf>>. Acesso em: 25-04-2009.

SALAS, M. R. English Teachers as Materials developers. *Atualidades Investigativas en Educacion*. Vol. 4. N. 2, 2004.

TOMLINSON, B. Glossary of basic terms for materials development in language teaching. IN: TOMLINSON, B. (ed). *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004a, p. viii – xiv

TOMLINSON, B. Introduction. In: TOMLINSON, B. (Ed). *Materials development in language teaching*. Sétima impressão. Cambridge: CUP, 2004b, p. 1-24

TOMLINSON, B. Materials development. In: CARTER, R.; NUNAN, D. *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004c.

TOMLINSON, B. The future for ELT materials in Asia. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*, Vol. 2; N. 2, p. 5-13, 2005.

TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. E *Elaboração de materiais para cursos de idiomas*. São Paulo: SBS, 2005.

VILAÇA, M. L. C. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Vol. VII, N. XXX, jul.-set.2009.

VILAÇA, M. L. C. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Vol. VIII, N. XXXII, jan.-mar.2009.

VILAÇA, M. L. C. Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/90.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/90.pdf)>.